

RESUMO

O conceito de Rascovsky sobre filicídio não pode ficar reduzido às condutas agressivas e, até letais, dos pais contra seus filhos pequenos. É atualmente, na adolescência, que observamos condutas filicidas diversas, que obrigam a esta belecer-se, desde outra perspectiva, a "brecha generacional", que hoje em dia parece poder ser resolvida com a violência contra os adolescentes.

Estimulados e protegidos para o uso de drogas, engrossando a aterradora massa do desemprego, aplaudidos em suas exteriorizações violentas e levados à morte de forma maciça e irresponsável estamos assistindo a um novo fenômeno psicológico, que não se engaja nas tradicionais classificações.

O adolescente morre, "heroicamente", ou se deixa destruir em um estereótipo de vida que a sociedade lhe facilita, criando-se um "self marginal", no qual, sobre uma estrutura melancólica, se entremesclam aspectos psicopáticos, perversos, aditivos e psicóticos.

A psicoterapia se vê enormemente restringida e a hospitalização contribui para a cristalização desta forma de vida adolescente, na qual ele mesmo aceita a conduta filicida da sociedade como uma forma de vida, em um mundo sem perspectivas. Abre-se uma interrogação em relação às possibilidades terapêuticas e/ou preventivas.

*Departamento de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da FCM da UNICAMP

ABSTRACT

The psychoanalytic concept of "filicide" introduced by Rascovsky can not be reduced to aggressive behavior of parents to towards their small children. After a brief review of these theoretical and clinical ideas it is concluded that is really during adolescence that a filicidal behavior is more evidente. It becomes even socially accepted and it is being pointed out that the "generation gap" is at times handled with a violent behavior against adolescents.

It is postulated that we seem to live in a "filicidal" society which favours the structuring of a marginal self in many adolescents. This allows for understanding some type of psychopathological structures commonly seen in adolescents, like psychopathy, perversion, drug addiction and even some psychoses. Psychotherapy becomes restricted and a big question comes forward in therapeutic and preventive measures in the psychological handling of these problems.

Estudar os fenômenos sociais e sua relação com a conduta individual ou grupal, pode levar a desvios nas planificações terapêuticas e as postulações, onde o psicoterapeuta abandona sua própria função, para a qual estudou e se especializou, perdendo-se em uma confusão indiscriminada de papéis de função social, que denotam uma resistência inconsciente a um atuar terapêutico e a situações, basicamente, edípicas projetadas no social que não foram adequadas e oportunamente, resolvidas. Entendo que a adolescência e seus conflitos devem ser estudados numa perspectiva holística, onde se integre o biológico, o psicológico e o social. Isto implica tomar, frente

ao sujeito adolescente, a distância cronológica, que também a realidade biológica nos impõe (Knobel, 1982). Implica também que temos a obrigação de, através desta distância, não chegarmos a uma distorção de nossa visão e da perspectiva com o que o adolescente vai ser tratado e considerado, dentro de sua própria e vital realidade. Já tenho me referido em outros trabalhos à "Síndrome da Adolescência Normal" (Aberastury e Knobel, 1979; Knobel, Perestrello e Uchôa, 1981) e considero que esta compreensão de uma normal "anormalidade" do adolescente, que se dá em nossa cultura, ajuda a discriminar, desde aspectos pseudopatológicos de desadaptações até patologias mais estruturadas neste período da vida. "Creio que é importante destacar que estas são as características da identidade do adolescente, que lhe permitem obter a identidade adulta, como um novo período evolutivo. Não considero que se possa dizer simplesmente que o adolescente busca adquirir uma identidade. Ele já possui uma, a identidade adolescente que é a que lhe vai permitir prosseguir em seu ciclo de desenvolvimento". (Knobel, 1976-Pag.161) Podemos então definir a adolescência como o período da vida, durante o qual, o indivíduo procura estabelecer sua identidade adulta, com base nas precoces identificações com as relações objetivas parentais internalizadas, através de interações com seu ambiente circundante e pela elaboração concomitante dos lutos normais neste estágio vital. Este processo de luto normal, sua elaboração e a entrada numa genitalidade progressivamente mais adulta, explicam as variações simultâneas e concomitantes da sintomatologia "normal", tão mutável dos adolescentes e o uso necessário de mecanismos francamente psicopáticos (Aberastury, Knobel e Rosenthal, 1972). Esta conduta provoca preconceitos negativos, rejeições e marginalização dos adolescentes, que por outra parte, frente à pressão do mundo externo, e de seu próprio mundo interno, elaborado sobre a base de figuras persecutórias negativas, e não poucas vezes totalmente ausentes, terminam aceitando seu papel marginalizado nesta sociedade alienada. Esta marginalização, que abarca diversos e diferentes aspectos psico-sócios-políticos, é utilizada para deslocamentos patológicos do mundo adulto e como depósito adequado e útil de

psicopatologias sociais, como a drogadição, a delinquência, a rebeldia agressiva e a violência. Também cabe perguntar-se se esta automarginalização e este assumir de papéis tão "doentes" não significam, antes de uma verdadeira defesa útil, um pseudo autismo masoquista, uma adaptação adequada e sã, frente a uma crescente e indiscriminada alienação do mundo adulto, uma transitória fuga ou refúgio necessário, para a identidade adulta contemporânea, ou também, e aqui está a maior dificuldade, uma impotente queda na desestruturação psicótica, com manifestações de estruturação neurótica ou psicopática ou ainda possíveis psicoses clínicas. Frente a esta realidade clínica-social, os questionamentos sobre a nosologia tradicional, que usamos em nosso trato com os adolescentes, emergem com crescente magnitude. Considero que nas atuais circunstâncias, as idéias de Rascovsky sobre o "filicídio" são de fundamental importância. A conduta "filicida", social e familiar, não é tão só uma expressão do sadismo, é uma complexa estrutura psicológica, com exteriorizações diretas, manifestas e outras latentes e mais sutis, que nos obrigam a aprofundar nossos estudos sobre o tema e verificar sua incidência na patologia do adolescente. Sua forma mais tradicional e característica já está consagrada nos textos de Psiquiatria Infantil, através do já conhecido síndrome da criança maltratada (Chess e Hassibi, 1982). Porém, as formas "ocultas" do filicídio são as que mais nos interessam, por seu enorme peso etiopatogênico na patologia da infância, da adolescência e da família. Embora o problema seja universal e, psicodinamicamente falando, esteja ligado à proibição do incesto, não deixa de adquirir caracteres alarmantes, cujo estudo nos ajuda a compreender, com maior profundidade, problemas que são muitas vezes superficiais e defensivamente deslocados para o "social". Paralelamente à universal proibição do incesto, registramos outra instituição generalizada em toda cultura: os mitos primitivos, os ritos de iniciação, o estudo do sacrifício humano e múltiplas expressões dos sistemas sociais nos revelam que a matança, mutilação e mortificação real ou simbólica dos filhos em suas mais variadas expressões, constituem práticas igualmente universais, desde os primórdios da humanidade. Na clínica psicanalítica, podemos observar a expressão endopsíquica de tal fenomenologia nas interrelações entre o Superego e o Ego, evi-

denciada por transtornos ,tais como a neurosa obsessiva, a melancolia ou o suicídio, ou na análise das sanções punitivas impostas ao Ego, especialmente, ante as fantasias incestuosas. Esta ameaça do Superego, resultante de atitudes parentais arcaicas introjetadas, fundamenta o conceito de tabu. Daí que a definição do conceito de filicídio adquiere excepcional transcendência para a teoria psicanalítica, acrescentando nova dimensão ao complexo de Édipo, à compreensão das forças repressoras e dos perseguidores internalizados e à estrutura da culta" (Rascovsky, 1973 - Págs. 67-68). Como vemos, o problema é de uma grande dimensão psicodinâmica, se bem que o que mais chama a atenção são suas manifestações diretas ,vinculadas com o que se pode denominar, segundo as circunstâncias, de patologia individual ou social. O mundo em que vivemos e as situações de insólita destruição nos levam a pensar em como o adolescente entra, pelos embates da sociedade e por si mesmo, nesta psicótica aniquilação. Como muito bem o destaca Rascovsky, " a destruição, mutilação ou mortificação dos filhos, física e mental, ainda em suas expressões mais externas, como o assassinato, tem chegado a tornar-se tão universalmente evidente, como para exigir uma resposta explícita sobre suas causas, suas razões e sua significação, não apenas ao investigador nas diversas disciplinas científicas, mas também ao perplexo indivíduo não especializado, que observa a conduta humana em sua própria carne ou na alheia" (Pág.9) (Rascovsky, 1970). Uma má elaboração da adolescência leva o indivíduo a um viver adulto paranóide e narcisista, desde logo com diversas modalidades e intensidade, mas que se faz claramente evidenciado nas já conhecidas "crises" da idade média da vida" e no crescente temor a envelhecer. A palavra "velho" e o conceito de "velhice" tem sido tratado como o conceito de "filicídio", sempre escamoteado e substituído. Filicídio de transforma para a Lei, em "infanticídio" (que assim parece tirar toda a responsabilidade dos pais) e "velhice" aparece como "terceira idade", um eufemismo maníaco para não aceitar o verdadeiro processo evolutivo que leva à morte e que se aguça frente à pujança e rebeldia adolescente, que inconscientemente tem muitas características de fantasias parricidas, mas vi-

vidas tanto pelos pais como pelos próprios filhos adolescentes." O filicídio complementa a relação entre a proibição do incesto e parricídio e se apresenta como o procedimento fundamental, que estabeleceu a proibição e suas conseqüências sócio-culturais. Assim se explica porque o sacrifício dos filhos, base do sacrifício humano, converteu-se na exigência cultural por excelência, estendida em modalidades atenuadas sob o rótulo de educação. Também se amplia a interpretação do sentimento de culpa, uma vez que o incremento paranóico, proveniente da ameaça direta dos pais intensifica a culpa persecutória. O enfrentamento do filicídio nos conduz a investigar as microformas agressivas que atuam sobre o Ego e configuram a organização paranóica, incluindo a estrutura dos objetos persecutórios internos, não apenas em função da fantasia mas também na base da "REALIDADE PARENTAL" (Pag.70) (Racovsky,1973). Isto é tão significativo, que a fantasia filicida dos pais pode levar a estruturar condutas patológicas que, às vezes, aparecem mais nitidamente na adolescência. Não são poucas as vezes que na conduta rebeldemente agressiva e violenta dos adolescentes, pode-se descobrir uma atuação de fantasias filicidas dos pais introjetadas e reprimidas. Esta estruturação filicida, permite, no campo psicodinâmico, entender mais adequadamente conflitos, problemas e atuações antissociais de alguns adolescentes (Montevechio,1981). O jovem de nossos dias enfrenta o mundo hostil com uma exteriorização de violência totalmente irracional que jamais havia se manifestado na humanidade. Não creio que se trate de uma piora da natural agressividade humana. Considero antes, que o aperfeiçoamento técnico lhe está facilitando uma exteriorização muito mais efetiva no destrutivo de sua inata capacidade de autoaniquilamento. A tecnologia superou o homem e o escravizou. A ciência parece afastar-se de sua função criativa para transformar-se em elemento devastador. Em alguns trabalhos psicológicos e sociológicos já aparece a violência como uma conduta adaptativa. A crise é de valores, a modificação e substituição dos mesmos é tão intensa, que nos leva a pensar que estamos vivendo uma verdadeira etapa de transição entre uma era histórica e outra, que supostamente, nem poderíamos conhe-

cer. O que atualmente chamamos "princípios éticos" muitas vezes é negado e alterado por nossos jovens. Entendo que estas situações, que mobilizam os conflitos inconscientes já mencionados, aumentam a culpa e facilitam condutas indiscriminadas, relacionadas com nossos aspectos psicóticos. Já não é um simples confrontar-se de gerações, mas um confronto de diversas e conflitantes infra-estruturas psicóticas, de variados níveis de discriminação. A guerra, produto de ambições desmedidas e altamente masoquistas dos seres humanos, está literalmente devorando nossa juventude. Esta, impedida em suas realizações presentes, cortada em seus ideais de futuro e desalentada, por um sombrio passado recente, encontra-se totalmente deslocada em nosso mundo atual. Se a perspectiva, que se lhe oferece, é a morte violenta em propostas de interesses dos quais não participa, não lhe sobra outro caminho, senão o de defender-se e agrupar-se, lutando, às vezes, com a maior violência possível, para tentar ao menos, evitar a mais horrenda violência bélica ou o possível extermínio nuclear, que se lhe está oferecendo ou prognosticando (Knobel, 1982). Pareceria que a alternativa, atualmente apresentada é o filicídio ou o parricídio. Creio que urge revisar nossos conceitos psicopatológicos na adolescência para poder imaginar e propor possíveis ações terapêuticas para o adolescente, sua família e a sociedade. Há uma patologia autodestrutiva nos adolescentes, que se faz mais compreensível, através da já mencionada identificação com a fantasia filicida inconsciente de seus próprios pais, ou provavelmente, de toda sua constelação familiar. A tantas vezes mencionada "brecha generacional" parece hoje poder ter um tipo de resolução, na violenta repressão aos adolescentes ou por outro lado, na violenta agressividade dos adolescentes contra os adultos em geral, os pais, as autoridades ou as instituições. A Sociedade, ou o Sistema, os estimulam e os protegem para o uso de drogas, os marginalizam no trabalho, engrossando a aterradora massa de desempregados ou subempregados, os aplaude em suas exteriorizações mais violentas, especialmente nas desportivas ou as diretamente antissociais, e se transformam em notícia quando sua morte é maciça e irresponsável. Estamos, repi-

to, assistindo a um novo fenômeno psicopatológico, que não se encaixa nas tradicionais classificações nosográficas. O adolescente, em seu fracasso de identificações, pode chegar a morrer "heroicamente", ou pode deixar-se destruir num estereótipo de vida que a sociedade lhe facilita, criando-se, para seu precário uso, um "self marginal", no qual, sobre uma estrutura melancólica, se entremesclam aspectos psicopáticos, perversos, aditivos e psicóticos. Em suas colocações tradicionais, a psicoterapia vê-se assim, enormemente restringida. A hospitalização, da qual de abuso, ainda que a disfarçando de "lares" ou centros religiosos, privados ou oficiais, contribui a cristalizar esta forma de vida adolescente, na qual o mesmo aceita a conduta filiciada da sociedade como simplesmente "uma forma de vida", em um mundo sem maiores perspectivas. O panorama é angustiante. Ainda que tentemos uma compreensão do social, através de uma denúncia ampla e o mais objetiva possível e um melhor e mais profundo conhecimento psicanalítico, continua aberto um grande questionamento, acerca do que, realmente, pode ser feito do ponto de vista preventivo e, especialmente, na difícil tarefa da psicoterapia. Creio que só nos resta conhecer os mais profundos mecanismos inconscientes para tratar, a nível individual ou grupal, através da psicoterapia de família e do adolescente e encontrar assim a brecha que facilite e, reestruturação do Ego adolescente, permitindo-lhe alcançar e desfrutar de sua IDENTIDADE ADOLESCENTE, em uma convivência crítica e criativa com sua família e com seu meio social, ao que deve ter a capacidade de para propor e colaborar em sua modificação de recuperação de valores positivos ou de criação de novos valores, que conduzam a uma sociedade mais sã. A tarefa psicoterápica não é de doutrinação nem de conformismo, é uma difícil proposta de reestruturações, onde o terapeuta pode usar seus conhecimentos e sua técnica, sem paternalismo e sem idealização, com a modéstia de um mediador entre mundo interno e mundo externo, porém sempre da própria perspectiva do adolescente, a qual deve conhecer-se muito bem em si mesma e em suas circunstâncias.

BIBLIOGRAFIA

ABERASTURY, A. e KNOBEL, M.: "La Adolescencia Normal",

- 7a. Ed., Paidós, Buenos Aires, 1979.
- ABERASTURY, A., KNOBEL, M. ROSENTHAL, G.: "Mourning as a Way to Maturity: Thinking in Normal and Psychopathic Adolescents". The Psychoanalytic Forum, Vol. IV, J.A. Lindon, Ed. pp.: 100-134, 1972.
- CHESS, S. e HASSIBI, M.: "Princípios e Práticas da prática da Psiquiatria Infantil", Artes Médicas, Porto Alegre, 1982.
- KNOBEL, M.: "La adolescencia y el tratamiento psicoanalítico de adolescentes", em "Adolescência", 3a. Ed. A. Aberastury y Cols., Kargiemam, Buenos Aires, 1976.
- KNOBEL, M.: Desenvolvimento social e psicológico do adolescente. Rev. Brasil. Med. PSQUIATRIA, 1:7-12; 1982.
- KNOBEL, M., PERESTRELLO, M. e UCHÔA, D.M.: "A Adolescência e a Família Atual. Visão Psicanalítica", Atheneu, Rio de Janeiro, 1981.
- MONTEVECHIO, B.: "Filicidio y mito familiar", en "Aportaciones al Psicoanálisis de Niños y Adolescentes", Dto. Niños y Adolescente de la Asoc. Psicoanal. Argentina; Kargiemam, Buenos Aires, 1981.
- RASCOVSKY, A.: "La Matanza de los Hijos y Otros Ensayos" Kargiemam, Buenos Aires, 1970.
- RASCOVSKY, A.: "El Filicidio" ; Edcs. Orion, Buenos Aires, 1973.